

A REPRESENTAÇÃO IMAGINÁRIA DE ARTISTA EM *CISNE NEGRO*

Bianca Luiza Marçal Melchior (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Edson Carlos Romualdo (Coorientador) Renata Marcelle Lara (Orientador),
e-mail: renatamlara@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Fundamentos da Educação / Maringá, PR.

Área: Linguística (80100007)

Subárea: Teoria e Análise Linguística (80101003)

Palavras-chave: Análise de discurso. Cinema. *Cisne negro*.

Resumo:

A pesquisa de iniciação científica focaliza a representação imaginária do sujeito-artista na obra *Cisne negro*. Buscou-se tal representação imaginária, por meio de uma análise discursiva da personagem-protagonista bailarina. Indagando sobre a representação deste sujeito-artista, interrogou-se de que maneira esta personagem artista é construída discursivamente no/pelo roteiro do filme e como ela é representada, por meio de projeção imaginária, no/pelo filme. Como objetivo, buscou-se investigar a representação imaginária de artista em *Cisne Negro*, do roteiro ao filme, pela análise discursiva da personagem-protagonista bailarina, além de se estabelecer uma relação discursiva entre o roteiro fílmico e o filme, de modo a observar as imagens projetadas no/pelo roteiro e sua inscrição ou ausência na produção fílmica. O percurso teórico e analítico foi norteado pelo referencial da Análise de Discurso francesa materialista, abordagem de Michel Pêcheux, com contribuições de Eni Orlandi e de outros pesquisadores do discurso, do cinema e da Psicanálise.

Introdução

Dirigida por Darren Aronofsky e escrita por Andres Heinz em colaboração com John McLaughlin e Mark Heyman, a obra *Cisne negro* (2011) conta a história de Nina, um bailarina profissional que, após se tornar a nova protagonista da companhia de balé em que trabalha, precisa performar na peça *O lago dos cisnes*, ambos cisne branco e cisne negro. A peça, originalmente feita pelo compositor russo Piotr Ilitch Tchaikovsky, no final do século XIX, conta a história de romance entre a mocinha, Odette, que é transformada em cisne, e o príncipe Siegfried. O príncipe, na procura por uma companheira, é encantado pelo mago Rothbart, e pelo poder do encantamento, se apaixona pela filha do mago, Odile. Na obra, a

personagem Odette é apresentada pelo cisne branco, e Odile pelo cisne negro, trabalhando esta dicotomia entre o bem e o mal, o preto e o branco. Na obra fílmica, a relação entre os cisnes é demonstrada pela personagem principal, Nina, que precisa interpretar ambas as personagens, porém encontra dificuldades em interpretar o cisne negro, apesar de não apresentar dificuldades com o cisne branco.

As relações de Nina com a dança, sua mãe e colegas de trabalho conduzem a obra durante todo o processo de Nina tentar se aproximar deste “cisne negro” que tem dificuldade de representar.

Sendo assim, buscou-se observar o funcionamento discursivo da protagonista na/pela obra fílmica e seu roteiro fílmico, assim como de que maneira esta personagem-artista é posta em funcionamento na/pela obra.

Para tal observação e de seus efeitos, apoiamos-nos na Análise de Discurso francesa de Michel Pêcheux (2008) e em outras autoras que trabalham com Análise de Discurso, Arte, Cinema, tais como Eni Orlandi (2012), Bethania Mariani (2003), Maria Cristina Leandro Ferreira (2013), e Tania Rivera (2013).

Materiais e métodos

A obra *Cisne negro* (2011) é o material tomado para análise discursiva desta pesquisa. Partindo da protagonista da obra, buscou-se responder, analiticamente, de que maneira Nina é apresentada por meio de formações imaginárias postas em funcionamento no/pelo roteiro do/ao filme, e quais os movimentos discursivos que se apresenta, em torno dela, na obra.

Nina é uma bailarina profissional que precisa fazer o papel da Rainha dos cisnes, tendo de performar na mais nova peça de balé da companhia em que trabalha, como cisne branco e cisne negro. Para tal observação analítica de tal personagem, realizamos recortes discursivos do roteiro fílmico e da obra fílmica, pelos procedimentos metodológicos da Análise de Discurso francesa materialista, que permitiram encontrar regularidades para além do conteúdo apresentado.

Resultados e Discussão

Como nossa pesquisa focaliza a protagonista do filme, é com este sujeito-artista que procuramos mobilizar a relação de Nina com as outras personagens, e a relação dela consigo mesma. Os recortes foram escolhidos de momentos de interação entre Nina e sua mãe, Nina e sua colega-concorrente Lily, e Nina e o ambiente em que vive.

A imagens que Nina mantém de si mesma se controem com as relações que Nina mantém com as outras personagens. Tais imagens, como as representações de si e dos outros, são apresentadas no/pelo roteiro e apresentadas/representadas no/para o filme.

São estes jogos imaginários reproduzidos por Nina e pelos outros personagens que colocam em funcionamento este sujeito-artista encontrado

na obra. Ferreira (2010, p. 10) afirma que “a noção de real revela toda sua produtividade ao ser proposta por Lacan junto às outras duas com as quais encontra-se entrelaçada: o simbólico e o imaginário”. A imagem que Nina tem de si mesma se estrutura por este imaginário constituído não apenas por ela, mas por discursos que a antecedem.

A relação que Nina mantém com Erica, sua mãe, condiciona a protagonista em uma posição de dependência emocional. As atitudes de “carinho” sustentadas por Erica jogam, constantemente, com o imaginário da menina doce, frágil e inocente, características associadas a Nina por todos que a cercam, até por ela mesma. As dificuldades de Nina para a realização do personagem cisne negro na peça de balé advêm em parte de um forte controle de sua mãe em sua vida pessoal e carreira, motivado por frustrações profissionais da própria mãe de Nina pela interrupção da sua carreira de bailarina. Esta relação faz com que a personagem reproduza, sem perceber, as vontades e desejos da mãe, ao mesmo tempo em que vive os medos de Erica, ao ter receio de passar pelas mesmas frustrações que ela.

O discurso da mãe de Nina se coloca como seu já dito, as “malhas significantes”, como são abordadas por Mariani (2003). Segundo a autora, “o sujeito é falado antes de falar, e sua entrada no simbólico é a entrada em um sistema significativo que remete a si mesmo antes de constituir redes de sentidos historicamente determinados para o sujeito” (MARIANI, 2003, p. 63). Este sistema significativo que antecede a Nina é materializado na maneira como a personagem se veste e se porta. Tal regularidade na representação imagética de Nina é encontrada em ambos roteiro e filme, em diálogos presentes nas obras, descrições de cenários e ações no roteiro, assim como as imagens visuais encontradas na obra fílmica.

As roupas utilizadas por Nina contrastam, constantemente, com o ambiente à sua volta. Esta regularidade, que só se torna presente na obra fílmica, a diferencia do roteiro, uma vez que as vestes dos personagens não são citadas na obra escrita. Nina utiliza apenas roupas brancas, com alguns tons de rosa. As cores utilizadas por Nina, ao mesmo tempo que a distanciam dos outros personagens que sempre utilizam cores mais escuras e/ou neutras, também a colocam em destaque, se sobressaltando com branco, entre os tons escuros. No decorrer da obra, há um movimento do branco para o preto quando Nina começa a utilizar de roupas mais escuras.

Conforme Ferreira (2010, p. 9), “o real é apresentado como um corte na estrutura do sujeito, a falta originária da estrutura. É precisamente em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura”. Na obra esta estruturação do inconsciente na falta se materializa nos momentos em que Nina se encontra com uma mulher de mesma aparência que a sua. Este Duplo, como é chamado no roteiro, se personifica como o “cisne negro” que resiste em Nina. Os jogos imagéticos que entram em movimento na relação de Nina com Lily, sua colega de trabalho, apresentam novamente a maneira como a personagem é posta no/pelo funcionamento discursivo da obra.

Tomamos estas descobertas sobre o sujeito-artista reproduzidos na obra como uma abertura de discussão sobre as representações deste artista na

Arte e, mais especificamente, no cinema. Este sujeito que pode ser tanto constituído pelo Outro (Inconsciente/Interdiscurso), quanto pelo outro (sujeitos outros).

Conclusões

Foi possível notar, pelo percurso analítico, que o sujeito-artista apresentado/representado na/pela obra é um sujeito afetado pelo inconsciente, que se constitui no imaginário social tanto de si quanto de outros à sua volta, e que, por causa de seu contexto e sua relação familiar, acaba sendo extremamente influenciado pelas projeções de outras personagens. O “cisne branco”, performático e perfeccionista de Nina, traz à tona o “cisne negro”, constitutivo de si que a protagonista tenta (inconscientemente) esconder. É pela ausência deste “cisne negro” que Nina o coloca à frente de seu “cisne branco”. Nina é o sujeito afetado pelo inconsciente, mas que não consegue “aceitá-lo” como algo que a constitui.

Agradecimentos

Agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Universidade Estadual de Maringá (UEM) por contribuírem para a produção acadêmico-científica ao fomentarem projetos e pesquisa, e na colaboração da inserção de jovens pesquisadores neste âmbito.

Um agradecimento especial à professora orientadora deste projeto, Dra. Renata Marcelle Lara, por sempre estar envolvida e ajudando com dedicação total seus alunos e orientandos, instigando-os sempre a buscar mais e promovendo uma melhor qualidade em seus projetos. Ao mestrando Bruno Arnold Pesch por ajudar nos momentos finais de pesquisa, assim como ao GPDISCMÍDIA-CNPq-UEM, grupo do qual participo.

Referências

FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **ORGANON**, v. 24, n 48, p. 1 - 12, 2010.

MARIANI, B. Subjetividade e imaginário linguístico. **Linguagem em (Disc)curso**, v. 3, número especial, p. 55-72, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

RIVERA, T. **O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.